



O que é a franco-maçonaria?

Description

Afinal, o que é a Franco-Maçonaria? Entre o Mito, a História e a Utopia

A pergunta parece simples, quase banal: **o que é a franco-maçonaria?**

No entanto, essa interrogação — feita no mundo profano, entre aqueles que não pertencem à Ordem, mas também dentro da própria maçonaria — revela-se muito mais complexa do que aparenta.

É inevitável que o jovem **Aprendiz**, recém-iniciado e ainda tateando os primeiros símbolos, se questione sobre o que, de fato, escolheu vivenciar. Mas também não é raro que o **Mestre veterano**, conhecedor das fórmulas rituais e das práticas simbólicas, continue a se perguntar qual é a verdadeira finalidade de tudo aquilo — muitas vezes com certo desalento, ao constatar que os maçons não parecem ser, necessariamente, melhores que os outros homens.

O que é, afinal, a franco-maçonaria?

Talvez haja tantas respostas quanto há maçons.

Respostas múltiplas, reflexos de épocas e culturas

A maçonaria, como corpo vivo, não pode ser reduzida a uma definição única. Cada maçom terá sua própria resposta à pergunta, moldada por sua época, por sua origem geográfica, por suas convicções espirituais ou políticas, por sua sensibilidade pessoal.

Afinal, a maçonaria não existe no vazio: ela se encarna em homens e mas também nas culturas que a acolhem. É ao mesmo tempo universal e múltipla, adaptando-se ao tempo e ao espaço, assumindo rostos diversos. Em vez de uma única maçonaria, o que temos são **muitas maçonarias**.

No campo profano, as respostas também variam — mas muitas vezes carregadas de preconceitos. Não faltam lendas e acusações infundadas sobre a Ordem, que a história moderna se encarregou de multiplicar. Neste artigo, no entanto, não nos deteremos nesses equívocos.

Alguns fatos objetivos: entre a História e a prática

Se em matéria de interpretações reina a diversidade, em relação a certos **elementos objetivos** há consenso.

A franco-maçonaria surgiu entre a Inglaterra e a Escócia no **século XVII**, consolidando-se no **século XVIII**. Desde então, apresenta-se como uma **organização fraternal e iniciática**, fundada sobre valores universais: liberdade, igualdade, fraternidade, tolerância.

Inspirada no simbolismo dos antigos construtores de catedrais, organiza-se em torno de **ritos, símbolos e ensinamentos de caráter filosófico e moral**, cujo objetivo declarado é o **aperfeiçoamento pessoal e espiritual**. O caminho iniciático conduz o membro por graus sucessivos — **Aprendiz, Companheiro e Mestre** —, nos quais a jornada interior reflete uma busca de autoconhecimento e de conhecimento do outro.

A admissão não é aberta nem automática: exige **investigação, aprovação e voto**. Os rituais são reservados aos iniciados, o que levou muitos a considerá-la uma sociedade secreta. Os próprios maçons, no entanto, preferem chamá-la de **sociedade discreta**.

Esse quadro mínimo é aceito pela maioria dos irmãos. Mas, no fundo, ainda diz muito pouco sobre sua essência.

Entre História e Lenda: um terreno fértil para projeções

As complexidades começam quando se indagam as **origens** da Ordem e os **objetivos últimos** de sua existência.

Para alguns, a maçonaria descende diretamente das corporações de pedreiros medievais. Para outros, é herdeira dos Cavaleiros Templários. Há ainda quem veja nela a face visível da **Rosa-Cruz**, ou mesmo a continuação de correntes **alquímicas e herméticas**. Não faltam os que lhe atribuem raízes na própria **noite dos tempos**, como guardião de uma tradição primordial.

E quanto à sua finalidade? Estaria destinada a **transmitir segredos alquímicos**, a **oferecer um caminho iniciático de inspiração espiritual**, a **retomar tradições antigas de sabedoria**, a **transformar a sociedade** em nome da justiça e da fraternidade? Ou seria apenas um **instrumento de sociabilidade**, um espaço de elites para negócios e influência?

A realidade é que cada qual projeta na maçonaria suas próprias aspirações. O maçom vê nela o reflexo de sua cultura, sua origem, suas crenças religiosas ou filosóficas. A Ordem, nesse sentido, é tanto um sistema de práticas quanto uma tela de projeção, sobre a qual se constroem lendas pessoais e coletivas.

Maçonaria como Jogo e como Espelho

Com suas cerimônias carregadas de símbolos, seus trajes, suas espadas e seus títulos sonoros, não seria a maçonaria uma espécie de **grande jogo de interpretação** em escala real?

Talvez sim. Talvez, também, seja comparável a um **teste de Rorschach coletivo**, no qual cada iniciado lê e interpreta conforme seus próprios filtros. Mas longe de ser algo pejorativo, essa característica é justamente sua força.

Uma invenção barroca e moderna

A franco-maçonaria pode ser compreendida como uma **genial invenção moderna**. Desde sua origem, no **século Barroco**, apresentou-se como um sistema aberto, capaz de abrigar interpretações distintas sem perder sua coerência interna.

Seus criadores parecem ter intuído que o tempo dos dogmas fixos e das verdades únicas havia se esgotado. O que se fazia necessário era um modelo plástico, adaptável, que pudesse sobreviver às mudanças históricas.

Assim, a maçonaria nasceu com uma **dupla face**: ora mística, ora racionalista. Essa duplicidade lhe garantiu atravessar os séculos, ora privilegiando o aspecto espiritual, ora o filosófico-social, conforme as necessidades de cada época e de cada lugar.

Uma forma mutável, voltada ao futuro

Essa **plasticidade fundamental** explica sua longevidade e sugere que ainda não vimos o fim de sua influência. A franco-maçonaria tem a capacidade de se reinventar, assumindo novos rostos e crenças, sem perder o espírito original.

No futuro, suas expressões talvez surpreendam — mas, em essência, permanecerão fiéis à intuição fundadora: oferecer aos homens e mulheres um **espaço simbólico e utópico**, onde seja possível viver o presente, sonhar o futuro e reinterpretar o passado.

Category

1. Público